

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXVII – 1998

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

GÓMEZ PALLARES, Joan - *Edición y comentario de las Inscripciones sobre mosaico de Hispania. Inscripciones no Cristianas*, Roma, “L’Erma” di Bretschneider, 1997. 292 pp. ilustr. ISBN. 99-7062-977-5

A obra que tivemos o ensejo de ler constitui o voi. 87 da colecção *Studia Archaeologica* e resultou de um projecto elaborado em 1988, nas vésperas do Coloquio Internacional AIEGL, *Culto e Sociedad en Occidente a través de la Epigrafía*, realizado em Tarragona entre 6 e 8 de Outubro de 1988. A primeira versão da obra estaria pronta em 1992, mas a sua publicação só agora veio a acontecer.

Formado em Filologia Clássica, Gómez Pallarás assumiu a árdua tarefa de reunir todas as inscrições hispánicas não-cristãs realizadas em suporte musivo, entre o séc. II a. C. e o séc. VITI d. C., perfazendo um total de 83 unidades (73 espanholas e 10 portuguesas). Este *Corpus*, “atípico”, no seu dizer, reúne, pela primeira vez, um conjunto de inscrições ibéricas, gregas e latinas que editou, procurando corrigi-las e interpretá-las, com o auxílio da fonética, da morfologia, da sintaxe e da literatura, ao longo de 200 páginas de texto. Para além do âmbito linguístico, o A. preocupou-se em apresentar o contexto arqueológico dos mosaicos estudados (num micro e macro-espço), embora o seu desejo de estabelecer uma correlação nem sempre tenha sido alcançado, nomeadamente ao nível da interpretação do macro-espço, assim como não foi aproveitado para aferir datações.

A obra está organizada em forma de catálogo, ordenado por ordem alfabética a partir das siglas de províncias espanholas, numa primeira parte, e distritos portugueses, numa segunda. Adentro destas divisões, os mosaicos estão arrumados por ordem cronológica. Cada ficha-tipo inclui as seguintes informações: lugar do achado, descrição do local, descrição do pavimento, descrição da inscrição, edição do texto, bibliografia, variantes de leitura, interpretação (com tradução da inscrição) e datação. Nas conclusões, Gómez Pallarès ensaia uma sistematização dos dados recolhidos ao nível da cronologia, distribuição geográfica, contexto (urbano-rural), técnica, num primeiro momento, e relação texto-mosaico, num segundo. Termina com nove afirmações em jeito de síntese: as inscrições em *opus tessellatum* agrupam-se, maioritariamente, em torno dos séc. III-IV d. C., sobretudo na *Hispania Tarraconensis*, em meio rural. Na maior parte dos casos, existe uma relação directa entre a iconografia musiva e a inscrição, geralmente presente em locais de comunicação ou habitação e, pelo contrário, inexistente em zonas de passagem ou acesso. Nestas últimas, encontramos inscrições que identificam o proprietário ou o artesão, assim como mensagens admonitórias. As inscrições em *opus signinum* concentram-se na zona costeira da região acima citada, entre os séc. II a. C. e Id. C.

Finalmente, a obra apresenta um conjunto de índices (lugares de procedência, lugares de conservação, nomes de seres animados latinos, ibéricos e gregos, *verba nobis nobiliora*) e encerra com as ilustrações fotográficas, num total de 91 estampas.

Não há que duvidar da importância do contributo de um filólogo para a ciência arqueológica trazendo preciosas informações de carácter linguístico, utilíssimas quando completadas com um correcto e completo contexto arqueológico que, não foi, aqui, densamente explorado. Pesem embora as conhecidas dificuldades levantadas pela dicotomia inscrição/iconografia, nem sempre evidente ou existente, Gómez Pallarès não fugiu à difícil tarefa da sua análise. Não podemos deixar de mencionar, também, a potencial riqueza do estudo onomástico, nomeadamente ao nível do estatuto social dos vários indivíduos cujos nomes ficaram, *ad aeternum*, marcados nestes preciosíssimos “tapetes” e que certamente teria enriquecido a obra se Gómez Pallarès não se tivesse cingido meramente à menção da maior, ou menor, frequência dos antropónimos estudados, remetendo o leitor para a bibliografia sobre o assunto. Chamamos particularmente a atenção para a inscrição MI (Alcalá de Henares-Espanha): ANNIORVM (*hedera*) HIPPOLYTVS TESSELAV[IT], a propósito da qual Gómez Pallarès aponta o antropónimo *Annius* como um *cognomen* (p. 106) quando, na realidade, deve tratar-se de uma das *gentes* mais frequentes na Península Ibérica (cfr. ILER p. 658), neste caso, proprietária da residência para quem *Hippolytus*, operário, realizou o mosaico.

Não tendo visto pessoalmente alguns dos mosaicos, Gómez Pallarès fez algumas leituras a partir de fotografias, como ele próprio afirma (é o caso, por exemplo, de CCI Espanha, do Museu de Cáceres ou de MU5, do Museu Arqueológico Municipal de Cartagena). Não terá sido temerário? Sê-lo-á, com certeza, em inscrições de leitura duvidosa.

No que se refere à datação das inscrições, ficamos sem saber que critérios foram seguidos: estilísticos, paleográficos, linguísticos, ou outros? Além disso, data mosaicos que não viu, porque perdidos, e acerca dos quais poucos comentários teceu por falta de elementos, como é o caso de B1, B2, MU6, T2, T3 - Espanha. Também a sucessiva repetição da expressão “*villa rural*”, para caracterizar as estações arqueológicas, parece-nos desprovida de sentido.

Merece, ainda, uma chamada de atenção a frequente ausência de ligação entre os vários mosaicos citados; nomeadamente a propósito do mosaico de EI Hinojal, Mérida (BA 8 - Espanha), mosaico das estações do ano, o A. refere paralelos fora da Península Ibérica mas não remete para o exemplar de Conimbriga, por ele também abordado (COI - Portugal), onde encontramos a personificação das estações do ano, sem legenda, mas acompanhando também um tema cinagético. Noutro exemplar, proveniente de Mérida (BA 9 - Espanha), a propósito dos equónimos, também não remete para o de Bell-lloc del Pia (GI5- Espanha), Aguilafuente (SG1 - Espanha) ou o de Torre de Palma (POR 2 - Portugal). Em BU 1 - Espanha, a propósito de nomes de ventos, não cita Santa Vitória do Ameixial (EVO 2 - Portugal) como paralelo.

Apesar de sabermos quão difícil é a obtenção de fotografias de mosaicos, para as quais são requeridas algumas horas/dias e sucessivas tentativas, para além de iluminação adequada, pensamos que vale a pena a audácia porque imprimem à obra

escrita um valioso suporte visual, sempre do agrado do leitor que gosta de acompanhar, amiúde, as linhas de análise e de embrenhar-se na leitura. Um leitor motivado é a maior recompensa para qualquer escritor. Por entre algumas boas fotografias, surgem outras onde a inscrição é de difícil leitura. Algumas cópias ou ampliações de fotos, já publicadas, não surtiram grande efeito, além de outras onde devia ter procedido a arranjos e cortes (na lám. 24b, p. 242, a sapatilha do fotógrafo vê-se no canto da fotografia).

Quanto às inscrições em mosaicos portugueses (COI 1- Conimbriga; EVO 1 a 4 - Santa Vitória do Ameixial; EVO 5 - Tapada do Garrianchos; FAR 1- Faro; POR 1 e 2- Torre de Palma; SAN 1- Torres Novas), poucas novidades adianta. A propósito dos antropónimos do mosaico da sala anexa ao *oecus-triclinium* da, sobejamente conhecida, Casa dos Repuxos, apresenta uma interpretação pessoal do enigmático nome de que nos resta apenas [...]LLVN/C[...]VS. Acredita que, na realidade, se trata de *Allunquius*, antropónimo indígena lusitano conhecido. Contesta ainda a leitura CALI/ME[R]VS, que prefere ler CV/ME/[L]IVS. Quanto ao mosaico situado junto à piscina de Santa Vitória do Ameixial (EVO1), considera-o de carácter cómico, no seguimento de R. Étienne, apontando como paralelo o de Puente Genii (C03 - Espanha). A interpretação segue aproximadamente a de J. d'Encarnação, diferindo na opinião acerca de *Cirdalus*, que considera um substantivo com significado de “animal astuto/zorro”, bem como na reconstituição da terceira legenda: PRO[FITE]/RESET[T]/VA(s) RE(s) D[ESERIS?]. Concorda com a presença das iniciais de uma oficina no mosaico do átrio de Santa Vitória do Ameixial (EV02), mas desdobra-as de modo diferente: K(*olonia*) A(*ugusta*) F(*irma*) I C(*aius* ?) T(*esselarius*) F(*ecif*). A outra inscrição da mesma *villa* (EV03), em caracteres gregos, permanece sem resolução. Em relação ao mosaico de Oceano de Faro (FARI), rejeita a última leitura de J. d'Encarnação para o texto em falta na 3ª linha - TES SELAS [Q(««?) DE SVO STRAVER]VNT, seguindo antes a reconstituição de J. Alarcão, propondo assim TES SELAS [Q(*ue*) FACIENDVM CURAR] VNT. Finalmente, dá uma última achega no famoso mosaico dos cavalos de Torre de Palma (POR2): os equónimos *Hiberus* e *Inacus* são nomes de rios, respectivamente, o Ebro e um dos rios mais importantes da Argólida.

No que diz respeito às conclusões, esperávamo-las menos contabilísticas e mais qualitativas. De facto, tendo o A. manuseado tanto material epigráfico, estaria com certeza abalizado para lançar o debate sobre inúmeras questões. Obviamente que o objectivo de um *corpus* é limitado, mas não deixa, por isso, de ser um importante ponto de partida para possíveis trajectos nos vários domínios da pesquisa musiva. Referimo-nos, nomeadamente, ao problema das oficinas, dos mosaicistas, dos encomendantes, da mitologia, e tantas outras vias de investigação de âmbito social, tecnológico, económico, político, etc...

Finalmente, apenas queremos chamar a atenção para os índices, elemento essencial de consulta, que estão incompletos, faltando-lhes os nomes de ventos.

Para concluir a nossa análise, não poderemos contestar, apesar das observações que fizemos, o contributo desta obra no domínio linguístico, sem dúvida, um trabalho importante para a clarificação de muitos vocábulos/expressões objecto de discussão há longa data. Tendo em conta as dificuldades inerentes a um material tão heterogéneo, de todos os pontos de vista (cronológico, paleográfico, estilístico, técnico...), trata-se de uma obra com mérito e útil a quem estuda não só epigrafia, como também o tema musivo ou qualquer outro assunto do âmbito da arqueologia, uma vez que dispõe, a partir de agora, de um *corpus* onde poderá buscar linhas de investigação, gerais ou parcelares, sobre os mais variados assuntos do vasto mundo proporcionado pelos mosaicos romanos.

CRISTINA F. DE OLIVEIRA